

Gilberto Freire

Sociologia – João Pedro R. dos Santos

Gilberto de Mello Freyre (1900 — 1987) é considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX. Sua principal obra, “Casa Grande e Senzala”, revolucionou a sociologia e a compreensão sobre a formação cultural do Brasil. Destruiu a visão racista que predominava no início do século XX, valorizando o elemento negro e o indígena na formação do País. No entanto, sua tese ficou conhecida como democracia racial, já que insistiu na harmonia das raças, o que lhe rendeu críticas duríssimas.

Freyre estudou na Universidade de Columbia nos Estados Unidos onde conhece Franz Boas, sua principal referência intelectual. Em 1922 publica sua tese de mestrado "Social life in Brazil in the middle of the 19th century" (Vida social no Brasil nos meados do século XIX).

Em 1942, é preso no Recife, por ter denunciado, em artigo publicado no Rio de Janeiro, atividades nazistas e racistas no Brasil, inclusive as de um padre alemão a quem foi confiada, pelo governo do Estado de Pernambuco, a formação de jovens escoteiros. Foi solto no dia seguinte, por interferência do General Góes Monteiro.

Em 1946, Gilberto Freyre é eleito pela UDN para a Assembléia Constituinte e, em 1964, apoia o golpe militar que derruba João Goulart.

Casa Grande e Senzala, sua principal obra, é um painel gigantesco da formação cultural do Brasil. Não se trata apenas de um registro das raízes étnicas e sociais do país, e sim de uma espécie de romance do Brasil pré-capitalista. Com legítima vocação de romancista, o sociólogo Gilberto Freyre pesquisou infinitas fontes primárias, leu tudo: diários de senhores de engenho, sermões, cartas comerciais e privadas, estatísticas médicas, milhares de documentos aparentemente inúteis.

Com a maior sem cerimônia, penetra na vida cotidiana dos séculos passados, surpreendendo num bilhete de alcova ou num registro testamentário a mentalidade da época.

Alguns críticos afirmam que é uma obra puramente regionalista, que retrata as raízes do homem nordestino e não do homem brasileiro. Mas Gilberto Freyre afirma:

"O livro dá atenção a Pernambuco, sobretudo, porque em Pernambuco começou a haver civilização no Brasil. Não foi em São Paulo. Em São Paulo, fundou-se um engenho no Século XVI. Enquanto se fundava esse engenho, perto de Santos, surgia uma constelação de engenhos e casas grandes em Pernambuco, constituindo a verdadeira raiz do Brasil. Esta é a tese de Casa-Grande e Senzala, pois a família - e não o governo ou a igreja - é que foi a raiz brasileira, cuja força germinal você encontra aqui, e não em outro lugar do Brasil. Essa crítica é de gente do sul e você sabe como são exclusivistas. Eles querem que tudo tenha começado por lá. Veja bem. Eu admiro o bandeirante, mas ele foi um nômade, de pouca fixação. A fixação em algum ponto do Brasil - vamos dizer, vertical - começou do Nordeste brasileiro. Daí, o símbolo casa-grande e senzala ser muito importante".

O traço conservador – quase reacionário – reside na exaltação da figura do senhor patriarcal nordestino. Verdade que o autor não lhes esconde os vícios, as mazelas morais e a violência: eles mandam nas terras, nos engenhos e nos homens com a mesma ferocidade. Só que Gilberto Freyre vê neles (inclusive por causa de sua brutalidade) o fator fundamental para a implantação de um novo processo civilizatório no país. Não poupa tintas cruéis para descrever os horrores da escravidão, mas afirma que a estrutura escravocrata era ainda melhor que a capitalista.

A ambigüidade deste posicionamento felizmente submerge na quantidade de acertos que o texto revela. Em pleno apogeu das teorias racistas que imputavam a negros, índios e mestiços a razão maior do atraso nacional, o autor celebra o papel essencial das etnias dominadas na formação do país. Chega a afirmar que os negros foram mais importantes para a colonização do que seus donos. Descobre e exalta a força vital dos escravos: sua capacidade de resistência ao meio hostil e suas habilidades técnicas e agrícolas. Isso que hoje nos parece óbvio, era uma heresia em 1933.

Também o índio recebe elogios. Não se trata de um selvagem bronco e incapaz. Ao contrário, em muitos sentidos é superior ao conquistador branco. Na limpeza, por exemplo, enquanto os europeus eram sujos e repulsivos, os nativos chegavam a banhar-se dez vezes ao dia. O sociólogo pernambucano mostra os índios como vítimas, não apenas dos colonizadores, mas também dos jesuítas que teriam praticado uma espécie de extermínio indireto das populações locais.

Gilberto Freyre rompe com as ideologias racistas vigentes e canta a miscigenação como elemento chave da conquista do trópico. É o ideólogo da mestiçagem: ao se entregarem à luxúria com índias e negras, os portugueses teriam estabelecido um aspecto democratizador nas relações étnicas do Brasil. O inverso, por exemplo, dos ingleses na colonização da América do Norte.

A própria durabilidade da expansão portuguesa no Brasil é atribuída tanto ao “furor genésico” do colonizador luso, um garanhão desbragado, um tipo super-excitado sexualmente e que tinha a sua disposição os corpos das escravas, quanto a um hipotético projeto geopolítico do Estado português, preocupado com a falta de braços para a atividade colonial.

O sexo sem limites e a conseqüente mestiçagem teriam possibilitado a adaptação e o triunfo da civilização européia em meio às dificuldades oferecidas pelo contexto tropical. E ainda por cima teriam gerado um clima de abrandamento dos rigores morais católicos, fazendo emergir um ambiente sensual e sem preconceitos, ao ponto de doenças venéreas passaram a ser, na cultura brasileira, fatos socialmente aceitos:

"A sífilis sempre fez o que quis no Brasil patriarcal. Matou, cegou, deformou à vontade. Fez abortar mulheres. Levou anjinhos para o céu. Uma serpente criada dentro de casa sem ninguém fazer caso de seu veneno. O sangue envenenado rebentava em feridas. Cocavam-se então as perebas, tomavam-se garrafadas, chupava-se caju. (...) No ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, mulecas, mucamas é que as doenças venéreas se propagaram mais à vontade..."

Um dos aspectos mais progressistas do pensamento de Gilberto Freyre é sua reação contra as teorias climáticas, muito em voga na época. Segundo elas, haveria uma impropriedade natural do trópico para a efetivação de um verdadeiro processo civilizatório. Ou seja, o clima nos condenaria eternamente à penúria.

A vida ou a formação colonial brasileira é apresentada como:

“um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominante sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo”.

Mas não se imagine que dos antagonismos surja a guerra. Pelo contrário, o que temos essencialmente é a harmonia:

“Entre tantos antagonismos contundentes, amortecendo-lhes o choque ou harmonizando-os, (temos) condições de confraternização e de mobilidade social peculiares ao Brasil: a miscigenação...”
“Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um aproveitamento de valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado”.

Não é apenas o nosso caráter mestiço que se legitima. É todo o “caráter” nacional: flexível, harmonioso senão fraterno. Havia por parte das elites brasileiras um complexo de inferioridade de base racista. Gilberto Freyre resgata a miscigenação, e a transforma, com propriedade e coragem, no fundamento da formação social brasileira. E permite que as elites brasileiras passem a se orgulhar de seu “pé na cozinha”.

Mas Freyre paga um preço por essa tese. Embora afirme e reafirme que “não nos interessa, porém, senão indiretamente, neste ensaio o aspecto econômico ou político da colonização portuguesa do Brasil”, o fato é que seu livro tem implicações econômicas e políticas profundas. Para afirmar sua tese da harmonia social e racial, Freyre transforma a colonização portuguesa em um grande êxito, e os colonizadores portugueses em heróis que “triunfaram onde outros europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidade de permanência... pela hibridização realizaram no Brasil obra de verdadeira colonização, vencendo as adversidades do clima”.

Freyre faz a distinção com a colonização inglesa nos EUA: os anglo-americanos, definidos por um certo Bogart como um “virile, energetic people” fracassaram nas suas tentativas de colonização dos trópicos enquanto os “weak, easy loving” portugueses tiveram êxito.

Fonte:

http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/c/casa_grande_e_senzala